



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13300 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

COMO CRIAR CONDIÇÕES À ATENÇÃO? O ESTUDO E O SUSTENTO DA PLURALIDADE – COM SIMONE WEIL

Bárbara Romeika Rodrigues Marques - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

COMO CRIAR CONDIÇÕES À ATENÇÃO? O ESTUDO E O SUSTENTO DA PLURALIDADE – COM SIMONE WEIL

Resumo: A presente comunicação busca discutir o conceito de *atenção* como engajamento crítico-propositivo essencial ao sustento do mundo humano. Com a filosofia de Simone Weil, apresenta a indissociabilidade entre atenção, espiritualidade e estudo, e pergunta, a partir desta perspectiva, em que medida a experiência escolar pode criar condições à forma de uma atenção que sustente o elo entre ser e mundo. Destaca a condição atencional do estudo como componente de uma familiarização ao *ethos* de amor, generosidade, justiça social. Considera, para tal, o engajamento com a atitude estudiosa – na e da experiência amplificada da atenção – como frente crítica da educação tecnocrática, da instrumentalização dos estudos escolares, da relação egocentrada e meritocrática com os conhecimentos. Em contraposição à tendência de correlacionar focalização e produtivismo, esta comunicação convida a pensar em que medida o elemento ético-político da atitude estudiosa legitima o engajamento propositivo indispensável ao resguardo da pluralidade.

Palavras-chave: Atenção, estudo, pluralidade, Simone Weil.

Com a filosofia de Simone Weil (Paris, 1909 – Ashford, 1943), é possível considerar a atitude fundamental da atenção com a combinação entre aspectos inteligíveis e sensíveis. A justa frequência atencional entre subjetividade e compromisso com a pluralidade nutre e está nutrido por uma sensibilização disponível ao mundo humano; e, por sua vez, a inteligência se nutre da participação na pluralidade mundana, em proveito não do domínio proprietário da

compreensão, mas na familiaridade com o compromisso ético-político de *olhar* o mundo. Desse modo, a condição atencional lega uma forma de relação do sujeito com o conhecimento – e do sujeito com a própria condição da experiência atencional – que em muito se difere das técnicas de focalização tecnocráticas.

A atenção é a forma mais rara de generosidade, dirá Simone Weil (1979, p. 43). A partir desse trecho, vale destacar o modo como a autora tece uma confluência entre espiritualidade, atenção, ética e política, no tanto de uma busca não pelo estado atencional como puro subjetivismo, mas pelo compromisso em sustentar o mundo humano. Um compromisso que representa o engajamento que tanto é habituação do desejo por tocar a face sagrada entre ser e mundo, como obstinação de fazer valer a força da justiça e da não-violência – elementar para resguardar a dignidade humana. De uma atenção que é, portanto, um estado de graça criador de liberdade e agente de um *ethos* de sustentação da pluralidade.

A atenção é uma forma aguda de conexão: os sentidos repousam familiarizados, os canais estão entregues e continuamente se lançam, a mente deseja e espera, o espírito se reveste de vontade. “Na atenção temos uma consciência luminosa”. (WEIL, 1991, p. 83) E, como ressalta Ecléa Bosí, é o estado contrário da certeza, continuamente renunciando à posse do resultado (2003, p. 19). Assim, por legitimar um estado de abertura e amplificação da relação com o estudo, a condição atencional não se diz com o monopólio dos pressupostos, mas é uma habituação e também uma participação nas formas (inteligíveis e sensíveis) da natureza.

O redirecionamento do olhar às formas da natureza, à reapropriação simbólica do mundo, e à dignidade humana, é um modo de resistir, com o direcionamento de outros estados atencionais, à tendência individualizante e egocentrada, circunscrita – com ainda mais força – na atualidade. É tal a ascese ético-política a que Weil se refere quando aponta para o valor do desejo de encontro do ser com o bem: a condição que lhe dá guarida é um olhar dirigido ao outro e não estritamente ao *self* originário. Dessa busca por suplantar o eu – demasiadamente egocentrado – surge o gesto de aproximação e exercício da sensibilidade, intuição e inteligência no elo com a pluralidade. Despir-se de condicionamentos, retirar camadas que turvam a percepção, potencializar ângulos. E, principalmente, esperar, confiar. Como em Heráclito: “se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso.” (In: 1991, p. 63).

Um grau de cultivo de uma atenção pura, autônoma, em que, sendo possível destituir a demasia egocêntrica – e sua atinente inclinação expansionista – a inteligência é liberada para se revestir do estado de graça que é consentimento e externalização. E, vale reafirmar: “externalização” como abertura de amor o mundo, além da centralidade das demandas subjetivistas e individualizadas, um respiro fora dos contornos egóicos – na expressão da personagem G.H de Clarice Lispector: “preciso ficar isenta de mim para ver.” (1998, p. 17)

Por esta perspectiva, a pergunta por formas e condições à atenção demanda um aparato

questionador capaz de destituir o automatismo das ideias prontas, definitivas e definidoras. Para tanto, é necessário acolher os atravessamentos da relação entre ser e conhecer, separar a questão principal das questões secundárias – como da sugestão weiliana de olhá-los até que jorre a luz, com o intermédio de *uma atenção que seja um olhar, e não um apego*. (WEIL, 2020, p. 155). No enlace experimental e aproximativo com a forma de um saber, a consciência pode demorar e, estando em atividade repousada, desinteressada e aberta, esmiuçar e explorar mais de si e da ambiência histórica, ético-política, sócio-cultural.

Em nome da manutenção do mundo humano, com vistas a preservar um legado mais durável que a soma da vida biológica, o enlace atencional com a face criadora e criativa da palavra dá sustentação à pluralidade. A condição de uma atenção que dê a experimentar a ação e o discurso representa, também, uma atitude autoeducativa capaz de sustentar, no possível de uma cultura, o viável comum a muitas culturas. A tomar esta fala do xamã Davi Kopenawa: “As palavras estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim. (...) São muito antigas, os xamãs as renovam o tempo todo. Desde sempre, elas vêm protegendo a floresta e seus habitantes. Agora é a minha vez de possuí-las. (...) Dessa forma, elas jamais desaparecerão.” (2015, p. 65). Renovar a palavra, guardar a palavra, cuidar para que a palavra não desapareça... Em primeiro plano vigora o esforço por continuar o legado plural do ser no mundo – a partir da sensibilização do olhar, da memória, da atenção, no contínuo de uma palavra nascida como transmissão e participação. Em primeiro plano vigora o esforço por continuar o legado plural do ser no mundo – a partir da sensibilização do olhar, da memória, da atenção, no contínuo de uma palavra nascida como transmissão e participação.

Vale ressaltar que um estado de atenção que possibilite uma *amplificação do olhar* demanda alguns elementos-chave. A começar por uma atividade mental que não se legitima nem só com o aporte dos artefatos (materialidade estrita), nem com o querer posto em marcha com o suporte metodológico (*basta querer*), tampouco se encerra no “basta esperar”. Com Weil, a espera tem, em alguma medida, a forma de uma postura ativa: presentes os elementos de preparo, esforço, disciplina, resiliência, espiritualidade. Espiritualidade derivada das formas aproximativas entre ser ativo e mundo; entre consciência e generosidade; entre atitude educativa – autoeducativa e pluralidade.

Não há para tanto, uma fórmula replicável, posto não ser possível, como que acionando uma alavanca, iniciar uma relação circunscrita linearmente, interpondo forma e resultado. Em Weil, a forma devida da atenção é uma aposta, o processo é uma espera, o rumo é uma disciplina. É neste sentido que é possível tomar o estudo e a experiência da atenção, na busca pela justa frequência da condição atencional, em seu aspecto educativo, e autoeducativo. E, considerando a busca por um *tom* da condição atencional capaz de interpor a consciência para além da centralidade egocentrada, perguntar em que medida a experiência escolar, na vigência de uma atenção que sustenta e é resguardada na pluralidade, intensifica a conexão entre ser e mundo.

Assim, é preciso ter em conta que estudar demanda o cultivo de elementos que tornam possível o estado atencional apropriado ao encontro não apenas entre sujeito e objeto, mas

entre a consciência da reflexão e as formas de composição no legado cultural. Desta perspectiva, decorre a busca por considerar os critérios e as condições do ato estudioso. Porque dispõe coisas concretas e possibilidades amplificadas de escolhas, a experiência escolar é capaz de possibilitar o hábito ativo e engajado do e com o estudo. Este, por sua vez, fornece elementos possíveis à emancipação intelectual. Afinal, quem estuda, pensa. Quem está habituado com o domínio ativo e crítico da reflexão, dificilmente se conforma à condição da passividade embrutecida. Quem estuda de forma a ser tomado do desejo por amplas conexões, como infere Weil, está atento ao mundo humano e legitima a perspectiva da justiça social, da generosidade entre os seres, na familiaridade com o *ethos* de amor ao mundo.

Considerando a pertinência das formas e animosidades atencionais, vale compreender em que medida os exercícios escolares “desenvolvem uma parte mais elevada de atenção. Eles são plenamente eficazes para aumentar o poder de atenção.” (WEIL, 2019, p. 71) Ademais, não ter nem dom nem inclinação para a lida com algum exercício escolar, na expressão da autora, acaba por se tornar uma circunstância favorável para a inteligência, uma vez que possa instigar o exercício, em si, e estimular a faculdade da atenção. O elementar desta aposta weiliana está em achar a tônica atencional em cada contexto escolar, cultivar um estado anímico atrelado às atividades escolares de modo a compor, cotidianamente, um sentido para verbos estruturantes do processo escolar, tais como: estudar, exercitar, fazer, criar, compreender, relacionar, aprender, inventar, continuar, repetir, renovar.

A habituação com estes verbos evidencia que a condição da atenção diz menos do resultado e mais do valor sustentado no ato buscante; assim, cada gesto de atenção lega algo à consciência realizadora do exercício estudioso. Afinal, “um esforço de atenção verdadeira não será perdido, sempre é eficaz espiritualmente e também sobre o plano inferior da inteligência, pois toda luz espiritual ilumina a inteligência.” (*Ibidem*).

Com o elemento espiritual e, ao mesmo tempo, ético-político da atitude estudiosa/atencional, pode advir a força de contraposição e resistência ao sem-sentido do mundo. A face revolucionária do estudo é um alicerce contra a tensão acumulativa de saberes, contra a apropriação indevida da natureza, contra o que desfaz os vínculos entre o ser e o tempo. A atitude engajada do estudo amplifica a atenção criadora – isto é, um estado atencional autônomo, aberto, amplificado, afeito ao ambiente da pluralidade; e, por sua vez, a atenção criadora amplifica as possibilidades da atitude estudiosa. E, como assinala Weil, a formação da faculdade da atenção é o objetivo verdadeiro e praticamente o único interesse dos estudos (2019, p. 72). Por isso o sentido do estudo afirma a dignidade humana, sustenta é sustentado pela altivez de um *ligar* e também um *desligar*: conectar-se ao mundo, desobrigar-se do afã mercadológico; ativar uma atenção criadora, desconectar o frenesi consumista; intermediar a realização da atenção, questionar a vigência de uma vida focada em demandas pré-formatadas pela razão mercantil.

A potência insurgente do *sim* da atenção estudiosa viabiliza a abertura amplificadora da novidade. Embora exija compromisso, disciplina, esforço, organização, no devido

tensionamento da atenção, o comum do estudo é a alegria e a desobstrução. Está aqui a diferença entre a tensão que retém e a tensão que conecta. O estudo aciona, mas não encarcera; requisita, mas não esgota. O estudo é uma atividade das mais criteriosas, sem que a supressão do prazer ou o condicionamento sacrificado da inteligência lhes sejam próprios. Como afirma Weil: “a inteligência só pode ser conduzida pelo desejo. Para que haja desejo é preciso que haja prazer e alegria. A inteligência só cresce e carrega frutos quando há alegria. A alegria de aprender é tão indispensável aos estudos quanto a respiração aos atletas.” (2019, 76)

Neste sentido, é insuficiente a formação escolar que demande do estudo a concordância com elementos estritamente tecnocratas. O manejo experimental, habituado, individual e compartilhado das atividades escolares, toca e é tocado por uma frequência da temporalidade capaz de intensificar os elementos ontológicos fundamentais. Neste sentido, a atitude estudiosa é um *sim* à pluralidade, pois, o que disponibiliza é um alicerce contra a tensão acumulativa de saberes, contra a apropriação indevida da natureza, contra o que desfaz os vínculos entre o ser e o tempo. O alicerce dado no estudo fortalece o ser e para tal se vale de afetos amplificadores da atenção criadora.

E, afinal, a uma época maculada pelo produtivismo, a um contexto em que o balizador temporal se dá com o brilho da mercadoria e o centro das prioridades está dado por condicionantes econômicos, a familiaridade com a atitude estudiosa, com a forma de uma atenção imanente, espiritual e afeita à justiça social, é o indispensável a ser compartilhado. Transcender, conectar, elevar o espírito ao nível do elo com os outros e com o mundo, *estar atento*, é a urgência política do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

BINGEMER, Maria Clara L. (Org.) **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Paulinas, 2009.

_____. **Simone Weil: uma mística para o século XXI**. In: TEIXEIRA, Faustino. (Org.). Caminhos da mística. São Paulo: Paulinas, 2012.

BOSI, Ecléa. **A atenção em Simone Weil**. Psicologia USP, São Paulo, v.14, n.1, 2003.

HERÁCLITO. *In: Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Tradução: Therezinha Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Aulas de Filosofia.** Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1991.

_____. **Espera de Deus.** Tradução: Karin Andrea de Guise. Petrópolis: Vozes, 2019.

_____. **O peso e a graça.** Tradução: Leda Cartum. Belo Horizonte, MG: Chão de Feira, 2020.

_____. **Pela supressão dos partidos políticos.** Tradução: Lucas Neves. Belo Horizonte: Âyiné, 2016.